1. PÓ DA VIDA

Eu estava debaixo da escada quando decidi pôr-me a andar. Naquele momento, não tinha pensado devidamente em caminhar mil quilómetros com uma mochila às costas, não tinha pensado em como o faria ou que iria acampar por quase cem noites, ou o que faria depois disso. Não disse ao meu parceiro de há trinta e dois anos que viria comigo.

Poucos minutos antes, esconder-me debaixo da escada parecia uma boa opção. Os homens de preto começaram a bater à porta às nove da manhã, mas não estávamos prontos. Não estávamos prontos para nos deixar ir. Eu precisava de mais tempo: mais uma hora, mais uma semana, uma vida inteira. Nunca haveria tempo suficiente. Então, agachámo-nos, juntos, debaixo da escada, um contra o outro, sussurrando como ratos assustados, como crianças travessas à espera de ser encontradas.

Os guardas-fiscais foram para a parte de trás da casa, bateram nas janelas, tentaram todos os trincos, à procura de uma maneira de entrar. Ouvi um deles a subir para o banco do jardim, a empurrar a claraboia da cozinha e a gritar. Foi então que vi o livro dentro de uma caixa de cartão. Li *Five Hundred Mile Walkies* quando tinha à volta de vinte anos, e era a história de um homem que percorreu o Caminho da Costa Sudoeste com o cão. O Moth estava encostado a mim, a cabeça apoiada nos joelhos, enrolado nos braços para se defender, cheio de dor, medo e raiva. Acima de tudo, raiva. A vida tinha pegado em cada pedaço de munição possível e tinha-o arremessado contra ele, com toda

a força, no que tinham sido três anos de batalha sem fim. Ele estava exausto de raiva. Passei-lhe a mão pelo cabelo. Acariciava-lhe o cabelo quando ainda era longo e loiro, cheio de sal marinho, urze e juventude; castanho e mais curto, cheio de gesso de construção e de plasticina de uso infantil; e agora, branco, mais fino, cheio do pó da nossa vida. Conheci este homem quando tinha dezoito anos; estava agora com cinquenta. Reconstruímos esta quinta juntos, restaurámos cada parede, cada pedra, plantámos vegetais, criámos galinhas e duas crianças, construímos um celeiro para as visitas compartilharem as nossas vidas e para podermos pagar as contas. E agora, quando saíssemos por aquela porta, tudo ficaria para trás de nós, acabado, terminado, resolvido.

— Podíamos andar.

Era algo ridículo de se dizer, mas disse-o na mesma.

— Andar?

— Sim, só andar.

Conseguiria o Moth fazer a caminhada? Afinal, era apenas um caminho pela costa; não podia ser assim tão difícil e podíamos ir devagar, um pé de cada vez, a guiarmo-nos pelo mapa. Precisava desesperadamente de um mapa, de algo que me mostrasse o caminho. Porque não? Não podia ser assim tão difícil.

Caminhar por toda a costa de Minehead em Somerset, através do norte de Devon, Cornwall e sul de Devon até Poole, em Dorset, parecia quase praticamente possível. No entanto, naquele momento, a ideia de caminhar por colinas, praias, rios e charnecas era tão remota e improvável quanto sair debaixo da escada e abrir a porta. Algo que podia ser feito por outra pessoa, não por nós.

Já tínhamos reconstruído uma ruína, aprendemos a encanar, criámos dois filhos, defendemo-nos de juízes e advogados bem pagos. Então, porque não?

Porque perdemos. Perdemos o caso, perdemos a casa e perdemo-nos a nós mesmos.

Estendi a mão para tirar o livro da caixa e olhei para a capa: *Five Hundred Mile Walkies*. Parecia idílico. O que não sabia era que o Caminho da Costa Sudoeste era implacável, que significaria escalar o equivalente ao monte Evereste praticamente quatro vezes, caminhar

mil quilómetros por caminhos que muitas vezes não tinham mais de trinta centímetros de largura, dormir ao relento, viver como selvagens, percorrer o nosso caminho através de cada ação cheia de dor que nos trouxe aqui, até este momento, escondidos. Eu só sabia que devíamos caminhar. E agora não tínhamos escolha. Estendi a mão em direção à caixa e eles ficaram a saber que estávamos em casa, tinham-me visto, não havia volta a dar, tínhamos de ir. Enquanto saíamos da escuridão por baixo das escadas, o Moth voltou-se para mim.

— Juntos?

— Sempre.

Ficámos na porta da frente, os oficiais de justiça do outro lado à espera para trocar as fechaduras, para nos barrar as nossas vidas. Estávamos prestes a deixar a casa centenária mal iluminada que nos manteve encasulados ao longo de vinte anos. Depois da porta entaipada, nunca mais poderíamos voltar.

Demos as mãos e avançámos em direção à luz.

2. PERDER

Começámos a nossa caminhada naquele dia, debaixo das escadas, ou no dia em que saímos da carrinha de um amigo em Taunton, deixados à chuva, à beira da estrada com as mochilas no asfalto? Ou será que a caminhada já estava para acontecer havia anos, à espera, no nosso horizonte, pronta para ser lançada sobre nós apenas quando não houvesse mais nada a perder?

Aquele dia no tribunal foi o fim de uma batalha de três anos, mas as coisas nunca terminam da maneira que esperamos. Quando nos mudámos para a quinta no País de Gales, o sol brilhava, os miúdos corriam à nossa volta e a vida desenrolava-se diante de nós. Uma pilha de pedras abandonada, isolada, no sopé das montanhas. Derramámos todas as nossas lágrimas e suor para a restaurar, a trabalhar nela a cada momento livre, enquanto as crianças cresciam. Era a nossa casa, o nosso ganha-pão, o nosso santuário, não esperava que terminasse num tribunal, numa sala de audiências cinzenta ao lado de um salão de jogos. Não esperava que terminasse comigo à frente de um juiz, a dizer-lhe que tinha cometido um erro. Não esperava estar a usar o casaco de cabedal que os meus filhos me compraram quando fiz cinquenta anos. Não esperava que acabasse de todo.

Sentada no tribunal, reparei em como o Moth raspava uma mancha branca da mesa preta à frente dele. Sabia o que ele estava a pensar: como é que isto foi acontecer? Ele era amigo próximo do homem que estava a processar-nos financeiramente. Tinham crescido juntos, parte

de um grupo de amigos; andaram de triciclo, jogaram futebol, partilharam a adolescência. Como se pôde chegar àquilo? Eles permaneceram juntos mesmo quando outros se tinham afastado. À medida que se foram tornando adultos, e mesmo assim as vidas deles foram tomando direções diferentes, o Cooper mudou-se para círculos financeiros que poucos de nós entendíamos. Mas o Moth manteve-se em contacto com ele apesar de tudo, para que permanecessem amigos. Confiantes o suficiente para que, quando surgisse a oportunidade de fazer um investimento numa das empresas dele, aproveitássemos, aplicando um valor avultado. A empresa com a qual o investimento tinha sido feito acabou por falir, deixando uma série de dívidas por pagar. A sugestão de que devíamos dinheiro surgiu de forma insidiosa. No princípio, ignorámos, mas com o tempo o Cooper passou a insistir que, devido à estrutura do acordo, éramos responsáveis pelo pagamento dessas dívidas. Inicialmente, o Moth ficou mais arrasado com o fim de uma amizade do que com a reivindicação financeira, e o litígio entre eles ecoou durante anos. Estávamos convencidos de que não tínhamos responsabilidade nenhuma pelas dívidas, uma vez que isso não estava especificamente indicado no texto, e o Moth acreditava firmemente que eles acabariam por resolver o problema. Até ao dia em que uma notificação judicial, para fazermos o pagamento, chegou pelo correio.

As nossas poupanças rapidamente se esgotaram, consumidas pelo preço dos advogados. A partir daí, passámos a advogar por conta própria, apenas um caso, entre muitos dos que não tinham representação, algo que o governo tinha criado aos milhares quando anunciou as reformas da assistência jurídica, deixando-nos sem direito a representação gratuita, pois o nosso caso tinha sido classificado como «demasiado complexo» para se qualificar para qualquer apoio jurídico. Esta reforma pode ter poupado 350 milhões de libras por ano, mas deixou as pessoas mais vulneráveis sem acesso à justiça.

A única tática que fomos capazes de empregar foi adiar, adiar e adiar outra vez, ganhar tempo, e, enquanto isso, em segundo plano, contactar advogados e contabilistas, tentar encontrar provas escritas que convencessem o juiz da verdade: que a nossa interpretação do contrato original estava correta e não tínhamos responsabilidade

nenhuma pelas dívidas. Sem um advogado do nosso lado, éramos constantemente ludibriados, até que uma acusação foi registada contra a quinta como garantia do pagamento do crédito do Cooper. Sustivemos a respiração, e então apareceu: uma reivindicação de posse da nossa casa, da casa e do terreno, de cada pedra que cuidadosamente empilhámos, da árvore onde as crianças costumavam brincar, do buraco na parede onde os chapins-azuis faziam ninho, do pedaço de chumbo solto, junto à chaminé, onde viviam os morcegos. Uma reivindicação para levarem tudo. Continuámos a fazer pedidos, a requerer adiamentos, até que finalmente achámos que tínhamos visto a luz ao fundo do túnel, uma folha de papel que provava que o Cooper não tinha o direito de fazer a queixa e que não devíamos nada. Depois de três anos e dez idas ao tribunal, tínhamos as provas que podiam salvar a nossa casa. Enviámos cópias ao juiz e ao advogado do queixoso. Estávamos prontos. Estava com o meu casaco de cabedal vestido, estava mesmo confiante.

O juiz baralhou os papéis que tinha à frente, como se não estivéssemos lá. Olhei para o Moth, a precisar de um pouco de confiança, mas ele estava a olhar em frente. Os últimos anos tinham sido pesados para ele; o cabelo antes espesso estava ralo e branco, e a pele parecia ser de cera e acinzentada. Era como se um buraco tivesse sido aberto dentro dele; um homem confiante, honesto e generoso, a quem a traição de um amigo tão próximo abalou profundamente. Uma dor constante no ombro e no braço consumia-lhe a força e distraía-lhe a cabeça. Nós só precisávamos que aquilo chegasse ao fim, para continuar com a nossa vida normal. Só então teria a certeza de que ele melhoraria. Mas a nossa vida nunca voltaria ao normal.

Levantei-me, as minhas pernas soltas, como se estivessem debaixo de água. Segurei a folha de papel como uma âncora na mão. Conseguia ouvir as gaivotas a discutir do lado de fora com guinchos agitados e perturbadores.

— Bom dia, meritíssimo. Espero que tenha recebido as novas provas que lhe foram fornecidas na segunda-feira.

— Recebi.

— Se puder consultar as provas…

O advogado do Cooper levantou-se, a ajeitar a gravata, como sempre fazia quando estava prestes a dirigir-se ao juiz. Confiante. Controlado. Tudo o que nós não éramos. Eu estava desesperada por um advogado, implorava por um.

— Peço desculpa, meritíssimo, mas esta informação que eu e o senhor recebemos são provas novas.

O juiz olhou para mim acusadoramente.

— Estas provas são novas?

— Bem, sim, só as recebemos há quatro dias.

— Provas novas não podem ser apresentadas tão tarde. Não as vou poder aceitar.

— Mas isto prova tudo o que temos vindo a dizer nos últimos três anos. Prova que não devemos nada. É a verdade.

Eu sabia o que estava para vir. Eu queria parar o tempo, pará-lo ali e nunca deixar que as palavras seguintes dele acontecessem. Eu queria pegar na mão do Moth, levantar-me e sair do tribunal, nunca mais pensar naquilo, voltar para casa e acender a lareira, passar as mãos pelas paredes de pedra enquanto o gato se enrolava para se aquecer. Voltar a respirar sem apertos no peito, pensar na minha casa sem medo de a perder.

— Não pode apresentar provas fora o procedimento judicial correto. Não, vou prosseguir para julgamento. Vou dar posse ao reclamante. Terá de desocupar a propriedade dentro de sete dias, às nove da manhã. Certo, vamos passar às custas. Há algo que queira dizer sobre as custas?

— Sim, cometeu um grande erro, está tudo errado. E não, não quero falar de custas, não temos dinheiro nenhum, está a tirar-nos a casa, o nosso negócio, a nossa renda, o que mais pode querer?

Agarrei-me à mesa enquanto o chão desabava por debaixo de mim. Não chores, não chores, não chores.

— Vou ter isso em consideração e retirar o pedido de custas extraordinárias.

A minha mente estava à deriva, a tentar fugir para um lugar seguro. Enquanto o Moth se mexia na cadeira, eu quase conseguia tocar no cascalho seco e quente, e no buxo recém-cortado cujo cheiro me sussurrava vindo do casaco dele. Os nossos filhos esfolaram os joelhos

naquele cascalho enquanto aprendiam a andar de bicicleta e passaram por cima dele com os pneus quando foram a caminho da universidade. As rosas estavam em flor, penduradas sobre a sebe como bolas de algodão; teria de as cortar em breve.

— Solicito o direito ao recurso.

— Não, estou a negar-lhe o direito ao recurso. Este caso tem-se vindo a arrastar por demasiado tempo; teve muitas oportunidades de me apresentar provas.

A sala estava a encolher, as paredes, a fechar. Não importava que tivéssemos acabado de encontrar novas provas, ou que elas contivessem a verdade; a única coisa que importava é que não as tinha apresentado de forma correta, que não tinha seguido o procedimento correto. O que é que eu ia fazer, o que faríamos nós, o que é que eu ia fazer com as galinhas, quem daria uma fatia de pão à velha ovelha pela manhã, como poderíamos empacotar uma quinta numa semana, como poderíamos pagar por um aluguer de uma carrinha, e as famílias que já tinham reservado férias, e os gatos, e os nossos filhos? Como poderia eu dizer aos nossos filhos que tínhamos acabado de perder a casa? O nosso lar. Perdido, porque não tinha percebido o protocolo. Cometi um erro simples e básico: não tinha feito um pedido para apresentar mais provas. Nem sabia que era preciso tal coisa. Fiquei tão feliz, tão segura de mim mesma, que simplesmente as enviei. Desperdicei uma folha de papel perfeita, com a mais pura das verdades. E agora tínhamos perdido tudo. Sem dinheiro, sem abrigo.

A porta da sala de audiências fechou-se atrás de nós e caminhámos pelo corredor, rígidos, em silêncio. Olhei para o advogado na sala ao lado e continuei a andar, mas o Moth entrou. Não, Moth, não, Moth, não lhe batas. Toda a raiva, todo o *stress* dos últimos três anos era palpável. Mas ele estendeu-lhe a mão.

— Está tudo bem, eu sei que está apenas a fazer o seu trabalho, mas foi a decisão errada, sabe disso, não sabe?

Ele apertou a mão ao Moth.

— A decisão é do juiz, não minha.

Consegui não chorar, mas um uivo interior e silencioso apoderou-se de mim e apertou-me com força, era difícil de respirar.

***

Estava de pé no descampado atrás da casa, sob o freixo retorcido, onde as crianças tinham construído um iglu no grande nevão de 1996. Parti uma fatia de pão branco em seis pedaços, um ritual que marcava o início do dia nos últimos dezanove anos. A velha ovelha fungou-me na mão e os lábios macios dela levaram o pão: dezanove anos sem dentes, mas ainda com grande apetite. Os miúdos chamavam-lhe *Smotyn*, galês para «malhada». Agora era uma velha ovelha rabugenta, de lã preta e branca mal-arranjada e dois chifres tortos. Bem, só um chifre, porque ela arrancou o outro no desespero de se enfiar num balde de ração uns anos antes. O Tom ficou com o chifre; estava na caixa que levou com ele quando foi para a universidade, a par dos fósseis e das cartas *Pokémon*. Quando a Rowan tinha três anos, levei-a numa viagem de sessenta quilómetros na nossa pequena carrinha. Comprámos três cordeirinhos desgrenhados e malhados de uma quinta, numa colina com vista para o mar. Ela rosnou, zangada, por não a ter deixado ir sentada ao lado delas, então tive de ceder e fui para casa com os quatro juntos na parte de trás da carrinha. Começaram a fazer parte das nossas vidas desde então, parte da nossa família. Tiveram muitos cordeiros ao longo dos anos, mas agora a *Smotyn* era a única que restava, as irmãs dela morreram e vendi tudo o resto a outro criador no ano anterior, quando o processo chegou a um ponto em que pensámos que não podíamos ir mais longe e estávamos prestes a perder. Não consegui deixar a *Smotyn* para trás: com a idade que tinha, mais ninguém a manteria; a expectativa média de vida de uma ovelha é de seis a sete anos antes de serem enviadas para fazer comida de cão ou almôndegas. No dia seguinte à audiência, levei as galinhas para casa de um amigo, mas não havia espaço para a *Smotyn*. Ela vagueava pelo campo, nuvens de sementes de dente-de-leão envolviam-na, até chegar à parte de baixo das faias, onde a relva estava sempre seca. Ambas conhecíamos aquele campo como se fosse uma extensão de nós mesmas. Como viveríamos sem ele?

Estaríamos sem abrigo dentro de cinco dias; então saberíamos.

***

O que eu não sabia, o que eu não podia saber, era que não levaria cinco dias para a minha vida mudar para sempre, para que tudo o que me mantinha estável se transformasse em areia movediça. Aconteceria no dia seguinte.

Estávamos num consultório, num hospital de Liverpool. Finalmente, teríamos os resultados de anos de procrastinação médica e saberíamos a causa da dor no ombro do Moth. Depois de uma vida de trabalho árduo, um médico disse-lhe: «A dor é normal, tem de estar à espera de sofrer um pouco ao levantar os braços e cambalear ao andar.» Outros levantaram questões sobre um leve tremor na mão dele e a dormência na cara. Mas este médico era o melhor, um líder na sua especialidade. Ele ia-nos dizer que era uma lesão dos ligamentos ou coisa semelhante, e como poderia ser ultrapassada; que tinha sido quando o Moth caiu do telhado do celeiro há uns anos — talvez tenha fraturado qualquer coisa. Ele, certamente, iria dizer que havia cura. Ele iria sentar-se com autoridade atrás da secretária e dizer-nos isso. Sem dúvida.

Mal nos falámos durante a longa viagem até Liverpool, cada um de nós enfiado no seu próprio choque, na sua exaustão. Os dias passados desde o processo jurídico foram como uma névoa a embalar caixas e a alimentar fogueiras, intermináveis telefonemas carregados de desespero. Começámos a ter a sensação de que não tínhamos para onde ir. A pior coisa que podia acontecer tinha acontecido. Esta viagem de ida e volta de sete horas era algo de que não precisávamos. Cada hora era preciosa, cada hora para acabar de fazer as malas, para continuar na segurança daquelas paredes.

As intermináveis idas a salas de espera de médicos começaram seis anos antes. Uma dor debilitante no ombro e no braço, e depois um tremor na mão, levaram os médicos a acreditar que ele tinha a doença de Parkinson, mas quando foi comprovado que não era o caso, acharam que talvez fosse uma lesão nos nervos. Aquele consultório era como todos os outros: um cubículo quadrado, branco e sem emoção, com vista para o estacionamento. Mas este médico não estava à secretária; veio e sentou-se em cima dela ao lado do Moth, pousou a mão no braço dele e perguntou-lhe como estava. Não estava certo. Os médicos não fazem

este tipo de coisas. Nenhum médico, e conhecemos muitos, alguma vez tinha feito tal coisa.

— A melhor coisa que posso fazer por si, Moth, é dar-lhe o diagnóstico.

Não, não, não, não, não. Não diga mais nada, não fale, vai sair-lhe algo horrível dos lábios presunçosos e apertados, não os abra, não fale.

— Acho que tem degeneração corticobasal, CBD. Não podemos ter a certeza absoluta. Não há teste, só saberemos na autópsia.

— Na autópsia? Quando pensa que será?

As mãos do Moth espalharam-se sobre as coxas, segurando o mais que podia dele mesmo entre os dedos largos.

— Bem, normalmente diria seis a oito anos. Mas o seu parece estar a progredir muito lentamente, já se passaram seis anos desde que teve os primeiros sintomas.

— Isso só poder querer dizer que está errado. É outra coisa.

Senti o estômago a subir até à garganta e a sala a desfocar.

O médico olhou para mim como se eu fosse uma criança; depois continuou a tentar explicar esta rara doença degenerativa do cérebro que acabaria por levar o homem a quem sempre amei, desde que era adolescente, e que lhe destruiria o corpo e depois a mente, enquanto ele se perdia na confusão e na demência, e terminaria com ele incapaz de engolir e provavelmente engasgado até à morte na própria saliva. E não havia nada, absolutamente nada, que se pudesse fazer. Mal conseguia respirar; a sala estava a girar à minha volta. Não, o Moth não, não o leve, não pode levá-lo, ele é tudo, ele é tudo, tudo, para mim. Não. Tentei manter uma expressão calma, mas por dentro estava a gritar, em pânico, como uma abelha contra um vidro. Lá fora estava o mundo real, mas, de repente, fora do meu alcance.

— Mas pode ter-se enganado.

Do que é que ele estava a falar? Não era assim que íamos morrer. Não era só a vida do Moth; era a nossa vida. Éramos um, fundidos, emaranhados, moleculares. Nem era só a vida dele nem só a minha: era a nossa. Tínhamos um plano que determinava como iríamos morrer. Quando chegássemos aos noventa e cinco anos, no topo de uma montanha, a ver o Sol nascer, simplesmente adormeceríamos. Sem sufocar até à morte numa cama de hospital. Não separados, sozinhos.

— Está enganado.

Abraçámo-nos dentro da carrinha, no estacionamento do hospital, como se o simples ato de pressionar os nossos corpos pudesse fazer tudo parar. Se não houvesse luz entre nós, nada nos poderia separar, não seria real e não teríamos de o enfrentar. Lágrimas silenciosas rolaram pelo rosto do Moth, mas eu não chorei, não consegui chorar. Se o fizesse, cederia a um rio de dor que acabaria por me levar na sua corrente. Toda a nossa vida adulta foi vivida a dois. Cada sonho ou plano, cada sucesso ou fracasso, éramos duas metades de uma só vida. Nunca separados, nunca sozinhos, éramos um.

Não havia medicamentos que detivessem o progresso da doença, nem terapias que a mantivessem sob controlo. A única coisa que podia ajudar era um medicamento chamado pregabalina, para aliviar a dor, mas o Moth já o estava a tomar. Não havia mais nada. Queria poder ir a uma farmácia e pegar numa caixa mágica, em qualquer coisa que pudesse parar este flagelo de destruição que estava a queimar a nossa vida.

— Com a fisioterapia, não vai ficar tão dorido — disse o médico. Mas o Moth já tinha uma rotina de fisioterapia que fazia todos os dias. Talvez pudesse fazer mais; talvez, se fizesse mais, pudéssemos impedir o progresso. Agarrei-me à esperança, a qualquer fio frágil que me arrastasse daquela névoa de choque. Não havia fios, nenhuma mão que me puxasse para um lugar seguro, nenhuma voz tranquilizadora para me dizer que estava tudo bem, que era apenas um pesadelo. Apenas nós os dois agarrados à realidade, um ao outro, num parque de estacionamento de um hospital.

— Não podes estar doente, eu ainda te amo.

Como se apenas amá-lo bastasse. Sempre bastou, sempre foi tudo aquilo de que eu precisava, mas não nos ia salvar agora. A primeira vez que o Moth me disse que me amava foi a primeira vez que alguém me disse tais palavras. Nunca me tinham dito que me amavam antes, nem os meus pais ou os meus amigos, jamais, e essas palavras levantaram-me, fizeram-me brilhar e brilhar durante os trinta e dois anos da minha vida que se seguiram. Mas as palavras não tinham força para fazer

com que o cérebro do Moth deixasse de se autodestruir, não tinham força para lutar contra uma proteína chamada tau que se espalhava pelas células e bloqueava as ligações.

— Ele está enganado. Eu sei, ele está enganado.

Ele tinha de estar enganado. O juiz enganou-se, porque não o médico?

— Não consigo pensar, não consigo sentir…

— Então vamos pensar que ele está enganado. Se nos recusarmos a acreditar nele, podemos continuar e viver como se não fosse real.

Não podia deixar que se apoderasse de mim. Nada fazia sentido, nada era real.

— Talvez ele esteja enganado. Mas e se ele tiver razão? E se chegarmos à fase final de que ele falou? Não consigo pensar nisso, não quero pensar…

— Não vamos chegar lá; vamos lutar contra essa coisa de uma maneira qualquer.

Não acredito em Deus, nem em nenhuma força superior. Nós vivemos, nós morremos; o ciclo do carbono continua a funcionar. Mas, por favor, Deus, por favor, não nos deixes lá chegar. Se Ele existe, agarrou a minha vida pelas raízes e arrancou-as do chão, virou a minha própria existência do avesso. Voltámos para casa com o leitor de CD no máximo, escondidos no meio do barulho. As montanhas lá ao fundo e o mar a bater na minha cabeça. O meu mundo estava de pernas para o ar. No momento em que a carrinha parou, estava de rastos.

Era atormentada por pensamentos de asfixia. Noite após noite, semanas depois do diagnóstico, acordei com suores frios, a cabeça a latejar, em pânico por causa dos pesadelos em que me afogava em muco. Visões do pescoço inchado do Moth, o maxilar distorcido, a lutar por respirar até chegar a um fim sufocante, enquanto os nossos filhos e eu observávamos, impotentes.

As andorinhas chegaram com atraso, aos pares, e finalmente encontraram o caminho de volta para casa depois de uma jornada épica, para mergulhar entre as faias e devorar os insetos. Se ao menos pudesse ser uma andorinha, livre para voar, livre para voltar a casa se quisesse.

Parti o pão para a *Smotyn* e saí para aquela fresca manhã de junho. O ar estava suave e leve, a passar-me no rosto com a promessa de um lindo dia pela frente. Esgueirei-me até ao degrau entre os galhos da sebe de pereira-brava. Tinha comprado a sebe num viveiro de árvores; era para ser faia, mas acabou por se tornar numa sebe pontiaguda de folhas pequenas, sem peras e com mau feitio sempre que eu me punha em cima da escada. Esfreguei os arranhões no braço, novos entre as cicatrizes. Não valia a pena podá-la nessa altura. O campo estava quente e cheio de mel, com o cheiro dos trevos que floresciam. As toupeiras voltaram a ficar ativas durante a noite e montes de terra finamente lavrada espalharam-se pelo centro do campo. Instintivamente, tapava os buracos, ainda preocupada com o bem-estar do solo, o nosso solo. O Moth tinha recuperado este campo, que era um descampado cheio de ervas daninhas. Recusando-se a usar pesticidas e sem qualquer máquina que o ajudasse, ceifou à mão o campo de quase um hectare. Retirou os escombros e desenraizou urtigas. Restaurou a cerca, substituindo cuidadosamente centenas de pedras de paredes que estavam abandonadas há décadas. Era o campo onde os filhos dos visitantes iam apanhar ovos acabados de pôr, e alimentavam os cordeiros na primavera. Tínhamos lá jogado intermináveis partidas de críquete em família, deitávamo-nos no feno antes de ser cortado e transformado em palha, e olhávamos para as estrelas cadentes no céu escuro de verão. O nosso pedaço de terra.

A *Smotyn* não veio. Ela vinha sempre para vir buscar a sua fatia de pão. Sempre. Enquanto procurava por ela, já sabia o que iria encontrar. No seu lugar favorito, sob as faias, tinha a cabeça deitada na relva como se estivesse a dormir. Ela sabia. Ela sabia que não podia deixar este campo, o seu lugar, e simplesmente morreu. Pousou a cabeça na erva, fechou os olhos e morreu. Enquanto lhe acariciava o focinho peludo, passando a mão uma última vez sobre o chifre torto, veio como uma contração. Consumidora e incontrolável. Aconcheguei-me na erva ao lado dela e chorei. Chorei até o meu corpo parar, esgotado, seco de lágrimas, ressecado pela perda. A erva envolveu-me o rosto, deitei-me sob as faias e tentei morrer, tentei ser livre com a *Smotyn*, livre para voar com as andorinhas e não ter de enfrentar a saída deste lugar,

ou o definhar do Moth. Deixem-me morrer agora, deixem-me ser a única a partir, não me deixem ficar sozinha, deixem-me morrer.

Peguei na pá e comecei a cavar, enterrei a *Smotyn* ao lado das irmãs, no campo dela. O Moth saiu e em silêncio cavámos o buraco, juntos, recusando-nos a falar, recusando-nos a reconhecer o buraco enquanto crescia. A escuridão que tínhamos experienciado no dia anterior ainda estava muito presente, muito nova para admitirmos a sua existência, mesmo enquanto ideia. Cobri a cabeça dela com um pano; não íamos conseguir olhar para ela enquanto a terra lhe caía na fronte. Ela foi-se. Acabou tudo. O sonho que esta quinta tinha sido foi enterrado com ela.